

---

## O ethos discursivo na criação do mito Stan Lee e sua relação com a Marvel: observações a partir do documentário *Stan Lee*<sup>1</sup>

Maria Valeria Espinos Guerra MARTINS<sup>2</sup>  
Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, SP

### RESUMO

Este artigo discutirá o documentário *Stan Lee* – produzido e dirigido por David Gelb e veiculado na plataforma de streaming Disney+ em junho de 2023, para comemorar o centenário de Stan Lee. Pretende-se compreender quais relações são estabelecidas entre o ethos discursivo de Stan Lee, entendido como produtor, editor e um dos ícones da cultura pop, e os discursos institucionais do MCU3. Para tanto, realizou-se um mapeamento de materiais divulgados em veículos midiáticos que mostram como Stan Lee está presente no imaginário dos fãs da Marvel, colocando-os em cotejo com o documentário, de modo a compreender elementos da recepção e da circulação midiática deste ethos e suas repercussões.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ethos discursivo; Stan Lee; streaming; cultura pop; Marvel.

### Introdução

Em 2022, comemorou-se o centenário de Stan Lee, ícone da cultura pop, intimamente ligado à Marvel e seus heróis. Para marcar a data e a importância de seu legado cultural, a Disney, detentora dos direitos da Marvel, adquiriu todos os direitos de imagem, voz e escritos deixados por Lee para os próximos 20 anos, produzindo o documentário *Stan Lee* em junho de 2023. Dirigido por David Gelb, o documentário de 2023 usou material de arquivo (Lee faleceu em 2018) para compartilhar a história por trás de Stan “The Man” Lee, em suas próprias palavras.

No documentário, vemos Lee em dezenas de aparições nas telas da Marvel Studios e nas páginas da Marvel Comics, mostrando-se em diferentes dimensões: desde sua origem e criação complexas como Stanley Lieber, até sua influência no mundo dos quadrinhos e filmes. A produção gerou muitas críticas entre pesquisadores

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação, Tecnicidades e Culturas Urbanas do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

<sup>2</sup> Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Anhembi Morumbi. E-mail: [prof.valeriaguerra@gmail.com](mailto:prof.valeriaguerra@gmail.com)

<sup>3</sup> Universo Cinematográfico da Marvel

---

e a mídia especializada por ter, ao que tudo indica, idealizado o mito construído como “velhinho” de óculos escuros que aparecia em todos os filmes da Marvel, ignorando todas as controvérsias que envolveram sua criação enquanto “mito” da cultura pop (AGUIAR, 2023).

Vale lembrar, nesse sentido, que, para Riesman (2021), Stan Lee se aproveitou da cultura da juventude em ebulição nos anos 1960 para criar tendências e se beneficiar das modas que estavam surgindo. Os enredos criados por Stan Lee adicionavam uma sensação de realismo às histórias em quadrinhos dos super-heróis, o que não existia nas HQ da DC Comics, seu principal concorrente. Tais realismos dialogavam com os valores da sociedade vigente, repercutindo e atraindo a atenção do público mais velho, que demandavam pela continuidade e discussão cada vez mais intrincada de questões políticas e identitárias do “mundo real”.

Diante desta breve contextualização, o presente trabalho possui os seguintes objetivos: (a) construir um quadro teórico de referência, partindo centralmente do conceito de *ethos* discursivo; (b) realizar o levantamento e discussão de textos midiáticos que constituem a circulação do documentário *Stan Lee* produzido pela Marvel, buscando identificar os discursos institucionais da empresa; e (c) realizar a confrontação entre os discursos institucionais da Marvel e o *ethos* discursivo de Stan Lee, conforme identificados previamente.

A relevância deste artigo justifica-se por sua preocupação em demonstrar que, mesmo após sua morte, Stan Lee se mantém presente enquanto ícone imortal da cultura pop, com destaque para o papel desempenhado por seus discursos sobre diversidade e igualdade. A hipótese que pretendemos discutir é a de que a construção dessa imagem “mítica” se dá a partir do *ethos* discursivo de Stan Lee, que sobrevive entre seus fãs, os quais, por sua vez, mantêm a figura midiaticizada de Lee em suas memórias afetivas e nostálgicas. Estas últimas ainda são recuperadas pela própria Marvel, em seus posicionamentos em redes sociais digitais.

### **O conceito de *ethos* discursivo segundo Maingueneau**

Em relação ao quadro teórico de referência da pesquisa, destaca-se o conceito de *ethos discursivo*. Segundo Maingueneau (1995, p. 47) explica, a propósito da corporalidade, esta remete a uma representação do corpo do enunciador da formação

---

discursiva: “Corpo que não é oferecido ao olhar, que não é uma presença plena, mas uma espécie de fantasma induzido pelo destinatário como correlato de sua leitura”. Assim, a corporalidade está associada a uma compleição do corpo do sujeito-enunciador, que é inseparável de um modo de se movimentar no espaço social, o que pode incluir até mesmo aspectos como o modo de se vestir.

Nesse sentido, o *ethos* deve ser entendido como uma maneira de dizer indissociável de uma maneira global de ser, de uma maneira de habitar o mundo, de tal forma que seja possível a integração entre uma formação discursiva e seu *ethos*, mediada pela enunciação. Essa incorporação é constituída sobre o poder que a voz tem de exprimir a interioridade do enunciador e envolver o co-enunciador, conferindo “corporalidade” à figura do enunciador e, correlativamente, àquela do destinatário, ou seja, dando-lhes “corpo” textualmente (MAINGUENEAU, 1995).

Dessa forma, entre as diversas dimensões da discursividade, podemos dizer que o *ethos* tem um status especial, visto que, segundo Maingueneau (1995), ele está diretamente ligado à questão da eficácia de um discurso, isto é, à sua capacidade de suscitar a crença do co-enunciador. A discursividade não é uma doutrina, uma visão de mundo ou um depósito de conteúdos elaborados em outro lugar, mas “um dispositivo constitutivo da construção do sentido e dos sujeitos que aí se reconhecem” (MAINGUENEAU, 1995, p. 50).

Nas HQs, Stan Lee construiu as bases de seus discursos pessoais e institucionais na Marvel. Por isso, vale resgatar a perspectiva bakhtiniana acerca dos gêneros do discurso, segundo a qual a linguagem, como fenômeno de comunicação interativa, é constituída e constituidora da sociedade, revestida de tons ideológicos e dialógicos (BAKHTIN, 1988). Assim, os gêneros do discurso textuais são tomados como unidades da interação verbal. Para o autor, os gêneros são relativamente estáveis do ponto de vista do seu conteúdo temático, sua composição e seu estilo, adaptando-se às condições sócio-históricas e aos propósitos que regem seus usos.

É através da linguagem que o homem se reconhece humano, interage e troca experiências, compreende a realidade em que está inserido e seu papel como participante da sociedade, e é a partir desse caráter social da linguagem que Bakhtin e os teóricos de seu assim chamado “Círculo” formulam os conceitos de dialogismo e de gêneros discursivos, cuja definição remete a questões como a dinâmica, a fluidez e

---

a maleabilidade da linguagem, evitando que os textos sejam vistos como confinados a propriedades formais específicas.

De volta a Maingueneau (1984), encontramos algumas definições correlatas. Com o intuito de compreender o discurso por meio da interdiscursividade e partindo da premissa de que a identidade de um discurso é forjada por “uma coerência abrangente que engloba várias dimensões textuais”, Maingueneau propõe uma abordagem inovadora em sua obra *Gênese dos Discursos*. No cerne dessa perspectiva, está a hipótese ousada de que o interdiscurso precede o próprio discurso. Essa hipótese traz consigo a implicação fundamental de que a unidade de análise relevante é o próprio interdiscurso, isto é: não se deve analisar os discursos isolados, mas sim, componentes interligados do interdiscurso. Como resultado, a identidade emerge da intrincada relação interdiscursiva que permeia o tecido das comunicações linguísticas. A maneira pela qual se dá essa relação interdiscursiva leva ao que Maingueneau chamou de inter-incompreensão regrada:

O caráter constitutivo da relação interdiscursiva faz aparecer a interação semântica entre os discursos como um processo de tradução, de interincompreensão regrada. Cada um conduz o Outro em seu fechamento, traduzindo seus enunciados nas categorias do Mesmo e, assim, sua relação com esse Outro se dá sob a forma do ‘simulacro’ que dele constrói (MAINGUENEAU, 1984, p. 5).

Com base na perspectiva discursiva aqui apresentada, passaremos, na próxima seção, à investigação de como se dá a elaboração do *ethos* discursivo de Stan Lee.

### **O ethos discursivo de Stan Lee X o ethos Institucional da Marvel**

Em nosso imaginário, Stan Lee ocupa o espaço daquele simpático senhor abrindo bem os braços enquanto descreve a magia da ficção de super-heróis, ou levantando o polegar enquanto grita sua marca registrada, *Excelsior!*

Procurando traçar relações com a perspectiva discursiva, Silva (2022) aponta que é a partir de sua entrada em uma formação discursiva que o sujeito pode atribuir sentido e produzir enunciados, exercendo a função-autor. Ao mesmo tempo, o interdiscurso é a base do princípio teórico-analítico que nos permite dizer que o sentido sempre pode ser outro e, por isso, deve ser administrado, limitado, organizado. Assim,

---

o “como” do sentido (linha em movimento) é apreendido como “o quê” (ponto em repouso, significado evidente e natural).

Silva (2022) ressalta ainda que o interdiscurso é um espaço de memória, no qual os sentidos habitam sempre sem autoria, sem referência, recuperados na atualização da produção discursiva. Por ser ele próprio horizonte, o interdiscurso como um todo não pode ser apreendido, mas apenas reconhecido, nos textos analisados, a partir do modo como nele se inscrevem as formações discursivas diversas. É neste espaço de memória que residirá a construção identitária e afetiva que constitui nosso objeto de atenção neste trabalho – a qual, em algum momento, nos conduzirá para o olhar sobre o sentimento de nostalgia.

Conforme relata Riesman (2016), o maior crédito de Lee é a percepção de que ele foi o criador dos personagens lucrativos da Marvel, mas o papel de Lee em sua criação é profundamente ambíguo. Stan Lee não se limitou a mediar os interesses da empresa junto aos artistas; ele também fazia parte desse grupo como um roteirista talentoso. Ele tinha o potencial de atuar como uma ponte entre esses dois universos distintos. Demonstrando agilidade com as palavras, Lee soube habilmente empregar os meios de comunicação para construir sua própria persona promocional, tornando-se inseparável da marca editorial. Essa associação cada vez mais estreita com a marca contrastava com a gradual diminuição do reconhecimento de seus colegas. Lee fez a escolha de permanecer ao lado dos mais influentes, consolidando-se como uma espécie de embaixador de destaque.

Para Riesman (2021), Stan Lee elaborou o conceito de um intrincado e interligado “universo compartilhado”, em que personagens de franquias individualmente importantes interagem e afetam uns aos outros para formar uma tapeçaria fictícia envolvente. Lee também criou cuidadosamente sua persona midiática e incorporou a imagem grandiosa que ele criou para si mesmo na década de 1970 – cabelo prateado, tons escuros, bigode de lagarta, sorriso jubiloso, andar saltitante, sotaque novaiorquino, buscando assim construir uma imagem mítica em que [...] “a importância do mito está na sua maleabilidade – não em uma forma fixa –, que traz consigo o legado ancestral assim como os sinais de seu próprio tempo e espaço” (FRANCHINI; SEGANFREDO, 2003, p. 9).

Ao longo da exibição do documentário, percebe-se uma metódica produção, por meio da qual as escolhas estéticas são cuidadosamente elaboradas, evocando

---

sentimentos de carinho e idealizando os momentos e lugares que fizeram parte da vida de Lee. Maquetes e figuras representativas reconstituem sua infância, juventude e o ambiente do estúdio Marvel, tudo apresentado em tons suaves e enriquecido com detalhes delicados. Essa representação pinta uma visão idílica dos primórdios de um sonho. No documentário em foco, Lee afirma que seu maior feito teria sido o de construir heróis imperfeitos, multidimensionais e relativamente humanos, que ainda hoje fascinam e desfrutam de um poder de permanência cultural além de qualquer coisa na ficção contemporânea.

Entendemos que, ao revitalizar o negócio dos quadrinhos, Lee reinventou sua linguagem: uma abordagem rítmica e própria para os diálogos, transformando a narrativa de super-heróis de um discurso de declarações suaves para uma linguagem com falas diretas e fluidas que envolve os leitores de quadrinhos em um idioma forte e com emoções, lançando as bases do que consideramos hoje como *cultura de fãs*. No entanto, dentre todas essas idealizações, a mais cativante e talvez menos ancorada na realidade é a descrição da redação onde os diversos artistas colaboravam.

A narrativa é costurada a partir de retalhos de entrevistas concedidas por Lee ao longo do tempo. É como se contemplássemos sua trajetória vitoriosa por meio de suas próprias perspectivas, ainda que essas perspectivas variem em versões contraditórias, moldadas pela passagem dos anos e pelas circunstâncias convenientes. A despeito da fluidez com que os eventos são apresentados, a inclinação egocêntrica de Lee, editor e roteirista da Marvel na década de 1960 se destaca, tornando praticamente impossível ocultar sua vaidade.

Uma análise mais minuciosa das palavras revela de forma incontestante sua visão inflada de si mesmo, sugerindo sua crença latente em sua própria importância superior à dos colegas de trabalho. Chama a atenção, em determinado momento do documentário *Stan Lee*, o fato de que Lee revive, mesmo entre palavras de elogio, a relação conturbada com Steve Ditko, co-criador do Homem-Aranha. Ele compartilha que reconheceu os méritos de Ditko, mas, no final, não conseguia entender as demandas não atendidas do colega, que eventualmente saiu da série em seu auge. Continuando nessa linha, Lee expressa a ideia de que a autoria pertence a quem sonha, não importando tanto quem a materializa artisticamente. No entanto, isso levanta questionamentos: será que ele estava realmente alheio à fonte do descontentamento de seu colaborador? Essa declaração sutilmente insinua uma resposta.

---

Seu método criativo, conhecido como “Método Marvel”, revela-se ao fornecer um esboço superficial ao desenhista, permitindo que este, por sua vez, desenvolva os textos a partir da narrativa visual já concebida. Isso implica que o desenhista era muito mais do que um mero executor; ele contribuía ativamente na geração de enredos, conceitos e estrutura narrativa. Tal processo criativo consistiria de uma sinergia entre o roteirista e o desenhista, ambos influenciando profundamente a direção da história. Isso desmistifica a ideia de que o desenhista era simplesmente um ilustrador, um funcionário ou uma peça secundária dentro da máquina de produção.

Nesse contexto, fica evidente que, por trás do carismático sorriso de Lee, residia um conflito subjacente de hierarquias. Um conflito que envolvia uma disparidade de poder, em que o detentor da autoridade, fosse Lee ou a diretoria editorial, controlava as criações dos quadrinistas que constituíam os alicerces de uma “mitologia” em constante crescimento. No entanto, vale notar que nem todos os artistas se curvavam a essa abordagem industrial de criação. Steve Ditko foi apenas um dos indivíduos que optaram por abandonar – ou talvez tenha sido abandonado – o projeto, devido à sua recusa em aceitar as diretrizes ditadas pelo “capitão” criativo.

As entrelinhas das palavras de Stan Lee nos permitem vislumbrar não apenas o processo de criação de seus personagens icônicos, mas também as dinâmicas complexas e, por vezes, conflituosas, entre os criadores de quadrinhos da época. Através de suas narrativas, uma história mais profunda de colaboração criativa e desavenças emerge, revelando as nuances de uma indústria que se fundamenta tanto nas imagens quanto nas palavras, bem como nas relações intrincadas entre aqueles que as criam. Os personagens desenvolvidos por Lee traziam dilemas existenciais e eram próximos de seu leitor, com falhas de caráter e problemas comuns, perambulavam por espaços reais, ruas conhecidas de qualquer cidadão americano, um olhar local até então incomum nos gibis de super-heróis. Segundo Lee, declarações em sua *Stan Soap Box*<sup>4</sup>, em novembro de 1968, “ninguém vive num mundo a vácuo e os acontecimentos moldam nossas histórias assim como moldam nossas vidas” (*Stan Lee, 2023*).

---

<sup>4</sup> Ver imagem da coluna *SoapBox Stan Lee* de novembro de 1968 em: [https://twitter.com/TheRyanParker/status/1062059368026320896?ref\\_src=twsrc%5Etfw%7Ctwcamp%5Etweetembed%7Ctwtterm%5E1062059368026320896&ref\\_url=https%3A%2F%2Fwww.washingtonpost.com%2Farts-entertainment%2F2018%2F11%2F12%2Fstan-lee-used-his-platform-call-out-racism-s-he-never-stopped%2F](https://twitter.com/TheRyanParker/status/1062059368026320896?ref_src=twsrc%5Etfw%7Ctwcamp%5Etweetembed%7Ctwtterm%5E1062059368026320896&ref_url=https%3A%2F%2Fwww.washingtonpost.com%2Farts-entertainment%2F2018%2F11%2F12%2Fstan-lee-used-his-platform-call-out-racism-s-he-never-stopped%2F). Acesso em: 15 ago. 2023.



Ao destacar as características humanas dos heróis, Stan Lee desconstrói a narrativa das identidades secretas, mostrando que a vida comum de um super-herói é sua verdadeira vida. Dessa forma, os discursos criados por Lee, mesmo após a sua morte em 2018, ainda circulam entre os fãs, em diversos meios de comunicação, através de postagens em redes sociais, trazendo narrativas sobre o que significa ser humano na cultura do século XXI e parecem demonstrar que ainda existem as mesmas preocupações culturais existentes nas décadas passadas (anos 1960 e 1970), oferecendo expressões únicas das histórias tanto pelo meio distinto da imagem em movimento quanto por seu papel na vida cotidiana das pessoas. Essas manifestações ecoam dizeres marcantes de Stan Lee, como, por exemplo: “A Marvel sempre foi e sempre será um reflexo do mundo logo depois de nossas janelas” (Stan Lee, 2023, online). Por tudo isso, Stan Lee pode ser entendido como um dos personagens mais significativos do universo da cultura pop, tendo revolucionado a indústria de quadrinhos, que passava por um momento de declínio no período do pós-guerra.

Stan Lee jamais assumiu o papel de um autor distante de suas próprias criações. Sua presença ativa sempre permeou os projetos que carregavam seu nome, em parte porque ele não se contentava meramente em desempenhar o papel de apresentador – ele buscava, com determinação, o crédito criativo indiscutível. Essa busca por reconhecimento, fortemente enraizada nas últimas décadas, permaneceu gravada na memória dos fãs e foi alimentada pela Marvel, mesmo após seu falecimento em novembro de 2018.

A reverência ao criador começou a se manifestar nas produções cinematográficas da Marvel, inclusive em sua aparição física nos dois últimos filmes lançados pelo estúdio após seu passamento. A primeira homenagem surge no filme *Capitã Marvel*, de 2019. Nessa produção, a heroína Capitã Marvel encontra-se na Terra perseguindo um inimigo metamorfo que se camuflou como humano. Durante essa perseguição, ela quebra o vidro de um trem e entra nele, despertando a atenção dos passageiros atônitos. A protagonista encara diversas pessoas com resoluta calma. Sua atenção, porém, é direcionada para um senhor idoso que, por sua vez, declama em voz alta frases retiradas do roteiro do filme *Barrados no Shopping (Mallrats)*. Gentilmente, ela abaixa os papéis que ele segura, revelando o rosto sorridente de Stan Lee. A troca de sorrisos entre a heroína e o lendário criador – um momento eternizado,



---

como visto, torna-se uma emocionante e sincera homenagem a uma figura que transcendeu o mundo dos quadrinhos.

Mais tarde, no Twitter, fãs levantaram hipóteses sobre o que seria o momento em que Lee surge pela segunda vez nas telonas, no filme *Homem-Aranha no Aranhaverso*, também de 2019. Na cena, Miles está confiante com a responsabilidade de ser um herói, e um senhor é visto no trem em Nova York olhando abismado para aquele adolescente fantasiado soltando teias. É possível perceber que o senhor em questão é muito semelhante com Lee, principalmente pelos óculos escuros e o famoso bigode branco.

É possível que um dos fatores que contribuam para a eternização das falas de Stan Lee sobre a criação de seus personagens seja o fato de que, nelas, encontramos as representações das problemáticas do ser humano; com isso, poderíamos afirmar que os mitos representam as inquietudes humanas. As problemáticas exploradas por Lee em suas falas sobre a criação de personagens continuam a ser relevantes em diferentes épocas e contextos. As lutas entre o bem e o mal, a busca pela identidade, o enfrentamento de adversidades e a exploração das relações humanas são temas que permanecem atemporais. Isso é evidenciado pelo fato de que as palavras de Lee ainda são citadas e discutidas, demonstrando sua capacidade de capturar dilemas humanos universais e, ao que tudo indica, atemporais.

Outro ponto importante é a estrutura do discurso, que permite ao leitor/fã/ouvinte ter a sensação de reconhecimento:

Ele [o mito] se apresenta como um relato vindo do fim dos tempos e que já existiria antes que um contador qualquer iniciasse sua narração. Nesse sentido, o relato mítico não resulta da invenção individual nem da fantasia criadora, mas da transmissão e memória. Esse laço íntimo e funcional com a memorização aproxima o mito da poesia, que, originalmente, em suas manifestações mais antigas, pode se confundir com o processo de elaboração mítica (VERMANT, 2000, p.12).

Os mitos têm servido como narrativas que exploram questões fundamentais da experiência humana. Eles funcionam como espelhos que refletem os medos, desejos, dilemas morais e conflitos internos que permeiam a psique humana. Ao longo da história, mitos têm se tornado veículos para a exploração e a comunicação de verdades universais e inquietudes compartilhadas.

---

Ao observarmos os discursos recentes dos principais executivos da Marvel, a empresa se tornará cada vez mais diversificada em suas escolhas de programação e tom, que conta com temas de terror à comédia adolescente. De acordo com Maingueneau (1995), a noção de incorporação, ou seja, a integração entre uma formação discursiva e seu *ethos*, é mediada pela enunciação. Essa incorporação é constituída sobre o poder que a voz tem de exprimir a interioridade do enunciador e envolver o co-enunciador, atuando sobre três registros articulados: (1) a formação discursiva confere “corporalidade” à figura do enunciador e, correlativamente, àquela do destinatário, que lhes dá “corpo” textualmente; (2) esta corporalidade possibilita aos sujeitos a “incorporação” de esquemas que definem uma maneira específica de habitar o mundo, a sociedade; (3) esses dois primeiros aspectos constituem uma condição da “incorporação” imaginária dos destinatários ao corpo, o grupo dos adeptos do discurso (MAINGUENEAU, 1995, p. 48).

Em outras palavras, apesar das transformações pela qual a Marvel passa atualmente, é possível pensar que a marca busca, enquanto instância de enunciação, habitar o *ethos* de Stan Lee, ou habitar o mundo a partir de seu *ethos*, atualizando-o à luz de um diálogo constante com a vasta memória discursiva enraizada, em diferentes espaços da cultura midiática, em torno de um dos grandes ícones da cultura pop.

### **Considerações finais**

Como principais resultados parciais da pesquisa, destaca-se a percepção de que o *ethos* institucional da Marvel – elaborado a partir da apropriação do próprio *ethos* discursivo de Lee em diferentes ações de comunicação, com destaque para o documentário *Stan Lee* – é construído pela afirmação de sentidos relacionados ao desenvolvimento de ações inovadoras e imaginativas, além da ideia de “esforço próprio”, enquanto medidas do viver intensamente e ativamente. Assim, o “eu” da Marvel é apresentado como aquele que se entrega ao sonho, ao amor, às emoções individuais, que arrisca tudo em prol do bem-estar de outros sujeitos, é altruísta, que usa a imaginação etc.

Nesse sentido, Stan Lee constrói para a Marvel a imagem que vê de si ou a que quer mostrar de si. É na imagem do “homem Stan Lee” que o co-enunciador é levado a crer que está a alma do estilo Marvel. Não obstante, por trás do sorriso sedutor, precisamos lembrar que existe de fato um conflito de classes, em que o patrão, seja

---

Lee ou a diretoria da Marvel, tem a razão e o domínio sobre as criações de quadrinistas que geraram as bases de uma “mitologia” cada dia mais popular na atualidade, numa intensa guerra por direitos autorais e patrimoniais.

Nessa perspectiva, a própria figura midiática de “Stan Lee” deve ser compreendida como uma marca – ele foi o rosto (e voz) de uma editora, o embaixador de uma forma de arte, o vendedor eloquente que cativava os fãs com a ideia de que eles não eram simples consumidores, mas sim, parte de uma comunidade. Não foi apenas uma mudança de nome que ocorreu com Stanley Martin Lieber, justificada pelo constrangimento de ser um escritor de quadrinhos; foi uma transformação que deu origem a seu próprio super alter-ego, uma celebridade de uma pulsante indústria cultural, abençoada com citações infinitas e o poder de atrair a atenção de uma multidão com um microfone em mãos.

Lee desempenhou um papel de extrema importância no fortalecimento e no reconhecimento dos quadrinhos modernos. Isso é inquestionável. Contudo, também foi alguém que não hesitou em manter segredos, mesmo que esses segredos fossem de figuras proeminentes cujos ombros ele usou como base para alcançar a fama. O documentário *Stan Lee* termina – não por meio da voz de Lee, mas sim, através das palavras de Kevin Feige, presidente do Marvel Studios – enfatizando que Lee, Kirby e Ditko não teriam sido capazes de dar vida à Marvel individualmente. Essa afirmação destaca a evidente realidade de que o sucesso não foi resultado de esforços isolados. Lee funcionou como o elo coesivo que, durante um período, reuniu algumas das mentes mais brilhantes de sua época.

No entanto, é justo questionar se, sem a orientação de Lee, esses criadores teriam tido a oportunidade de alcançar o mesmo destaque e rivalizar com ele. Fazer conjecturas sobre algo que Lee nunca reconheceu, especialmente após o falecimento de todos os envolvidos, seria uma manipulação intelectual, uma tentativa vazia de suavizar a desigualdade que muitas vezes permeou o tratamento dispensado aos principais arquitetos da editora, assim como a muitos outros que agora batalham nos tribunais por seus direitos.

O legado deixado por esses criadores é mais poderoso do que o ego de Lee, que conquistou influência e riqueza por estar no lugar certo, na hora certa. Assim, o que fica é a percepção de que o legado construído por Lee e seus contemporâneos investe-se de uma robusta discursividade materializada em narrativas envolventes que,

---

embora extrapolem a história individual de um homem, buscam impregnar-se de seu evidente sucesso enquanto figura midiática.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, J. Documentário do Disney+ se esforça para esconder controvérsias de Stan Lee. **Omelete**, 28 jun. 2023. Disponível em: <https://www.omelete.com.br/filmes/criticas/stan-lee-documentario-disney-plus>. Acesso em: 08 jul. 2023.

ANTÔNIO, J. Stan Lee e a Era Marvel: uma vida dedicada ao mundo das HQs. **Cinema com Rapadura**, 25 nov. 2018. Disponível em: <https://cinemacomrapadura.com.br/colunas/520302/stan-lee-e-a-era-marvel-uma-vida-dedicadaao-mundo-das-hqs/>. Acesso em: 08 jul. 2023.

FRANCHINI, A. S.; SEGANFREDO, Carmen. **As melhores histórias da mitologia nórdica**. **Artes e Ofícios**, 2014. Coleção L&PM Pocket

FLORO, P. Stan Lee trouxe dilemas morais e nuance política para os super-heróis. **Revista O Grito**, 12 nov. 2018. disponível em: <https://www.revistaogrito.com/stan-lee-trouxe-dilemasmorais-e-nuances-politicas-para-os-super-herois/>. Acesso em: 08 jul. 2023.

HOWE, S. A história secreta da Marvel Comics. São Paulo: Leya, 2013.

MAINGUENEAU, D. **Novas tendências em análise do discurso**. Trad. Freda Indursky. 3. ed. Campinas: Pontes; Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1995.

RIESMAN, A. **True Believer: The Rise and Fall of Stan Lee**. Nova York/EUA: Crown Ney York, 2021.

SILVA, L. F. A. Cenário do drama e zona de guerra: sentidos do espaço em tempos de Covid19. **Linguagem em (Dis)curso – LemD**, Tubarão, v. 22, n. 1, p. 17-36, jan./abr. 2022.

STAN LEE. Direção: David Gelb. Produção: David Gelb. Disney+. Jun./2023. 1h26min. Disponível em: <https://www.disneyplus.com/pt-br/movies/stan-lee/>. Acesso em: 08 jul. 2023.

TUCKER, R. **Pancadaria: por dentro do épico conflito Marvel vs. DC**. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.

VERNANT, J-P. **O universo, os deuses, os homens**. Trad. Rosa Freire d’Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.